

Invasão, Especificidade e Acidente em diálogo

Lucas Galdino da SILVA¹

Cecília Lauritzen Jácome CAMPOS²

RESUMO

O artigo estrutura-se a partir das experiências vividas desde o ano de 2017 junto ao projeto de pesquisa “Ocupações artísticas da cidade: *centornos* e *entralidades*”, no qual, pesquisamos e colocamos em prática estudos e noções do teatro de rua e do teatro de invasão. A noção de *site-specific* passou a estar mais presente a partir do trabalho específico que foi realizado desde fevereiro de 2018 na Praça Alexandre Arraes (Bicentenário), cidade de Crato-CE. Nossa tarefa mais duradoura e árdua foi realizar uma montagem cênica, que incorporasse pesquisas sobre dados do contexto local da praça e arredores e possibilidades de criação dramática no e com o espaço. Ao longo do processo surgiram questionamentos que abarcam os conceitos abordados, porém que os extrapolam, uma vez que a prática das apresentações problematiza as definições fechadas. Um dos questionamentos que abordamos nesse texto é: O quanto as noções de Teatro de Invasão (CARREIRA, 2007), Especificidade (SHIOCCHET, 2011) e Acidente (LAURITZEN, 2018) estão presentes e são responsáveis pela investigação do processo *Duas Vezes Sem*?

Palavras-chave: Teatro de invasão. Arte *site-specific*. Recepção Acidental. Espectador. Risco.

Para iniciarmos uma leitura mais organizada, vamos embarcar e conhecer um pouco do estudo das três noções que são citadas e relacionar com o processo artístico, intitulado *Duas Vezes Sem*, são elas: o Teatro Invasão, a Arte *Site-specific* e a Recepção Acidental. Para isso, utilizo como base bibliográfica, na seguinte ordem, Carreira (2007), Schiocchet (2011) e Lauritzen (2018), entretanto, buscarei outros pensadores e não trabalharei com esta ordem específica.

A primeira noção que venho relacionar aos nossos estudos cênicos é a Arte *Site-specific*, cunhada como campo de estudo pelas Artes visuais, e também usada na arte teatral, é vista com inserção no teatro, fazendo com que a cena aconteça, porque o local dialoga inteiramente com o que a/o performer quer dizer. É visto também como uma instalação artística

¹ Graduado em Teatro pela Universidade Regional do Cariri - URCA. Membro do Grupo do Núcleo Interdisciplinar de Poéticas Artísticas - NIPA pelo Grupo de Pesquisa Ocupações Artísticas da Cidade - CNPQ/CAPES. Artista, Professor, Pesquisador pelo Centro de Arte Reitora Maria Violeta Arraes de Alencar Gervaiseau - URCA. Técnico em Figurinista, Desenhista de Moda, Costureiro pelo Senac - Crato. Horizontalizando relações cênicas no Coletivo Cênicas, grupoperformance. Fundador do espaço para as artes, Quebrada Cultural - Triângulo/Juazeiro do Norte/Cariri/Ceará.

² Bacharel em Interpretação Teatral pela Universidade Federal da Paraíba (2010), Mestra em Artes Cênicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2013), e Doutora em Teatro pela Universidade do Estado de Santa Catarina (2018). É professora efetiva do Curso de Licenciatura em Teatro da Universidade Regional do Cariri, Coordenadora do Programa de Extensão Curtas Cenas e do Projeto de Pesquisa Ocupações artísticas da cidade: o Teatro de Invasão em exercício.

em um determinado local, no qual o ator/performer pode utilizar o espaço em campo expandido, atribuindo e [trans]morfoseando o espaço no qual é atribuído outra função extra cotidiana. Uma oportunidade de se metamorfosear extra cotidianamente, alargando os olhares para aquele local específico, tanto nas Artes visuais e no Teatro, poderíamos chamar de uma Arte Pública, se pensada na rua. A *Especificidade* pode ser facilmente identificada a partir dos movimentos Dadaístas, Surrealistas e Fluxos, uns utilizando influências dos outros.

Para beber dessa arte partimos - já em nosso processo criativo - para as vivências de Derivas, movimento esse que fazia parte do grupo Internacional Situacionista (IS), inicialmente na década de 1960, de cunho político e artístico e tinha grandes interesses de transformações sociais. A Deriva é um movimento que surge junto à IS e se dá de forma a derivar na cidade, receber o que a mesma tem a oferecer para os processos artísticos, e assim transformar essas informações, junto ao local escolhido - Arte *Site-specific* - em cena. As questões de *centro e periferia* refletidas no início do processo nos provocam também a pensar sobre o risco, seja referente aos nossos corpos considerados marginais na configuração da cidade, ou a partir do olhar de espectador – um corpo marginal perante o outro.

Ao pensar o que podemos causar nesse pedestre/espectador, é preciso pensar também no “processo de transformação da rua como espaço cênico e as implicações sócio culturais deste espaço” (CARREIRA, 2007, p. 29). Se partirmos do pressuposto que acreditamos que a cidade pode ser pensada como um palimpsesto, tal como Canclini (*apud* LAURITZEN, 2018, p. 26) defende, entenderemos que a mesma tem em seu cerne características de efemeridade e relações passageiras. O palimpsesto ajuda a projetar uma ideia de cidade sem esquecer de sua construção de trajetória, compreendendo a história dos lugares, enxergando-os como uma superfície onde os acontecimentos vão sendo inscritos e reinscritos a todo instante. Dessa forma, são criadas diversas possibilidades de processos artísticos nos lugares da cidade a serem lapidados/investigados/invadidos.

Dois vezes sem abarca cenas que foram criadas a partir de derivas em locais específicos na cidade do Crato - CE, no qual projetar-se-á itinerância para apresentação das mesmas. Entretanto, mesmo com as Derivas feitas, pensadas em suas especificidades, surgiram questionamentos que nos provocam em possibilidades dramáticas, são eles: O que iremos falar? Sobre o que queremos falar? De onde vamos tirar a nossa fala?

A dramaturgia é um dos principais elementos teatrais que vêm sofrendo alterações na linguagem, em alguns casos é até excluída. É impossível excluir uma dramaturgia de uma cena, é possível excluir um texto, visto que um corpo que se dispõe a estar presente passa a

ocupar outro mundo paralelo ao real, transmitindo um drama ao espectador. A dramaturgia da referida montagem pôde ser construída a partir da invasão e relação da/com a cidade. Carreira (2008) fala das possibilidades de encarar a cidade como um texto dramático, o que foi montado pode sim ser encarado como uma releitura. Isso possibilita pensar a uma noção teatral que usa a cidade como suporte dramático e não apenas como um cenário, construindo significações independentes em cada pedestre/espectador. Ler a cidade como dramaturgia, possibilitando significações diversificadas das performances teatrais invasoras.

Alguns outros questionamentos durante o processo foram saber como as derivas propiciam vivências no acontecimento da investigação no nosso corpo como um todo. Pesquisas sobre o que poderíamos utilizar como dramaturgia, dentre elas: o que as derivas causam de acordo com o que a cidade proporcionou na vivência, e pesquisas sobre acontecidos na praça onde realizamos nossos estudos. Foram percebidos olhares voltados para o risco dos corpos perante a cidade, ao passageiro, ao fixo, às mortes. Diante disso, a cidade é também uma forma de colocar o corpo em situações de risco.

Alguns acontecimentos desse ano, como assassinatos na cidade, nos deram suporte para a investigação dos integrantes da pesquisa. Ocorreram assassinatos no espaço que estávamos nos apropriando para ensaiar, na Praça Alexandre Arraes (Praça Bicentenário), e também em outras praças da cidade. Casos particulares nos deram mais apoio para falar sobre e utilizar como dramaturgia.

Por último, nos debruçamos sobre a Recepção Acidental proposta pela professora pesquisadora Cecília Lauritzen. A noção se dá na tentativa de traduzir a experiência do pedestre que é interrompido e convidado indiretamente - sem acordos prévios - a ver/observar/assistir o que se passa artisticamente pela cidade. Essa recepção se deu principalmente - em nossos ensaios - através do acaso e da interrupção da vida cotidiana na rua, formando sem acordos prévios um público espectador das atividades desenvolvidas na Praça. Vale entendermos que o acaso pode ser provocado por questões naturais ou pelos seres pensantes. Como aqui estamos lidando com pessoas, acreditamos que esses acidentes são causados pelos tais seres pensantes, de forma intencional e artística.

Antes de explicar o meu olhar sobre tal noção teatral, desabafo sobre tais questionamentos: Como o público irá receber tais informações artísticas, na rua? Como convidar, sem acordos, um público para assistir cenas que falam de riscos e mortes?

As perguntas aqui geradas partiram inicialmente dos ensaios, na rua. O processo de escrita deste trabalho iniciou-se antes da estreia da cena, acredito que questionamentos futuros

são gerados constantemente, principalmente sobre as causas e efeitos da experiência no espectador pedestre, pois estaremos trabalhando com um público da rua, efêmero com suas particularidades e individualidades, podendo assim, perder o controle da cena, já que o acaso permeia a vida cotidiana e o espaço urbano. Desse modo, “[...] no âmbito teatral, a atividade criadora é permeada de acasos, associações involuntárias, oportunidades que transbordam e ao mesmo tempo escapam às mãos de seus artistas”, diz Entler (*apud* LAURITZEN, 2018, p. 56).

Percebo e entendo que nem todo pedestre é espectador, mas todo espectador será pedestre, por estar sujeito à rua. Dessa forma, estará sujeito à experiência extra cotidiana, para os modos como a mesma pode gerar alterações nos sujeitos, refletindo nas suas relações com os espaços desta cidade, diz Lauritzen (2018).

Essas poéticas que acima foram citadas, podem ser entendidas como forma de experienciar o sujeito espectador da rua e na rua. Experiências que colocam os dois corpos em risco, perante a marginalidade de configurações da cidade, e o risco perante o olhar do espectador/pedestre sobre o ator/performer, diante de uma situação efêmera, que pode causar estranhamento.

A situação efêmera que aqui é citada também pode ser vista sob a ótica da teatralidade, partindo do preceito de que ela acontece a partir da ação do observador. Considera-se teatralidade uma condição de presença, onde é preciso estar para acontecer. Na rua o termo pode ser pensado mesmo quando o espectador não está presente de modo visível no local da manifestação artística, mas, por passar naquele local, e ter visto nuances de cenas, fez acontecer uma observação sobre uma apresentação teatral. Também consideramos a observação de nuances artísticas uma forma de Recepção Acidental, juntamente com Lauritzen (2018).

Desse modo, para finalizar a leitura, esperamos futuros resultados que ainda estão para acontecer com a circulação da cena, com base nas noções de teatro de rua sobre o processo “Duas Vezes Sem”, que aqui foram discutidos. Questionamentos novos surgirão e respostas inesperadas também. Onde fala-se de acaso, entende-se incerteza.

O quanto as noções de Teatro de Invasão (CARREIRA, 2007), Especificidade (SHIOCCHET, 2011) e Acidente (LAURITZEN, 2018) estão presentes e são responsáveis pela investigação do processo *Duas Vezes Sem?* Afirmamos que na medida que vamos nos adequando a novas praças na circulação da cena, novos questionamentos sobre as noções que estão intrínsecas, surgem, novas noções surgem!

Referências

CARREIRA, André. **Teatro de rua: (Brasil e Argentina anos 1980): uma paixão no asfalto.** [tradução de André Carreira]. São Paulo: Aderaldo & Rothschild editores Ltda., 2007.

DESGRANGES, Flávio. **Teatralidade Tátil:** alterações no ato do espectador. *Sala Preta*, 8, 11-19. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-3867.v8i0p11-19> 2008;

LAURITZEN, Cecília Jácome Campos. **A Recepção acidental:** Vias de leitura do teatro performativo urbano. Tese de Doutorado (Programa de pós-graduação em teatro) - Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis. 2018. [Orientador: Prof. Dr. Flávio Augusto Desgranges de Carvalho]

SANTOS, Daniele. Teatro de invasão: O teatro de rua sobre um chão se que pode soltar. **Revista O Teatro Transcende** Departamento de Artes – CCEAL da FURB – ISSN 2236-6644 - Blumenau, Vol. 21, Nº 1, p. 16 - 29, 2016

SHIOCCHET, Michele Louise. Site-specific art? Reflexões a respeito da performance em espaços não tradicionalmente dedicados a ela. **Urdimento**, Nº 17. Setembro, 2011